

Alguns dedos de Prosa: conversando sobre Psicologia, Educação Ambiental, Cultura da Paz e Espiritualidade

As relações entre Cultura Ecológica, Cultura da Paz e Eco espiritualidade

No Informativo 2 iniciamos a reflexão com a questão: *De que Educação Ambiental estamos falando?* Dissemos que o objetivo do Informativo é contribuir com uma formação, processo comprometido com o pensar qualitativamente o pensamento e o conhecimento, para que aflore em nós não apenas novas práticas, mas, sobretudo, novas lógicas. Aprofundando a reflexão, podemos dizer que falamos de uma Educação Ambiental como práxis emancipatória, transformadora, popular, crítica e libertária, no sentido freireano (Loureiro 2004).

Neste Informativo 3 queremos buscar relacionar Cultura Ecológica, Cultura da Paz e Eco espiritualidade. Uma Cultura Ecológica capaz de estabelecer inter-relações com todas as formas de Vida é uma Cultura da Paz, no exato sentido proposto pela Carta da Terra: "Reconhecer que a paz é a integridade criada por relações corretas consigo mesmo, com outras pessoas, outras culturas, outras vidas, com a Terra e com o grande Todo do qual somos parte". Uma Cultura da Paz constitui uma forma de Eco espiritualidade, de afirmação de todas as formas de Vida, que se traduz na evidência de que *não há nada fora de nós que não faça parte de nós*.

É possível falar e pensar em Cultura da Paz?

A expressão Cultura da Paz vem sendo postulada há muitos anos como forma de pensar alternativas à Cultura da Violência, esta que nos atravessa a todos. Importante ressaltar que a violência não se restringe apenas às manifestações físicas, visíveis e palpáveis de padrões agressivos. Gandhi nos falava da violência material, mas também da violência verbal, da violência mental e de um tipo de violência que está na base de todas as outras: a violência emocional.



Este Informativo é uma publicação semanal dedicada a Educadores, cujos conteúdos são de inteira responsabilidade da autora. Seu objetivo é formativo: oferecer subsídios e reflexões em Psicologia, Educação Ambiental, Cultura da Paz e Espiritualidade, e renovar o propósito rumo a uma educação transformadora.



Sobre este tipo, ao final de sua vida, quando foi interrogado se havia perdoado aos seus inimigos, Gandhi respondeu que nunca havia sido ofendido. Ele se referia ao que se chamou de espírito de inofendibilidade, um princípio de base emocional. Ao contrário de Gandhi, nossa cultura moderna ocidental não apenas não leva em conta que a violência é também um padrão mental e emocional, como dá ênfase apenas à violência física e material e identifica a violência como um fenômeno que diz respeito ao outro e a tudo o que está “fora” de cada um de nós. Daí a expressão de que somos “vítimas” da violência.

Não é pertinente tratar o tema da violência despolitizando-o e retirando-o de seu contexto histórico. E na base da violência não há uma natureza humana, mas um projeto

colonialista de violência estrutural, intolerante a toda forma de alteridade, com um sentimento imperialista de centralidade cognitiva, política, econômica, cultural.

Não é possível passar despercebido pelos impactos do projeto colonialista: de aproximadamente 6 milhões de indígenas que aqui viviam, hoje há aproximadamente 200 mil; não menos que 10 milhões de negros foram trazidos à força da África para serem escravizados aqui. E hoje, 500 anos depois, fala-se em algumas medidas reparatórias sociais, mas nunca houve justiça cognitiva. A violência estrutural hoje, do Estado, coercitivo em sua base, é herança desta lógica colonial, que é hegemônica, de base europeia, capitalista, cristã, entretecida com os fios do colonialismo. Os saberes indígenas e os saberes africanos permanecem como saberes menores, inferiores, marginais.

(...) a maior evidência de que nossas lógicas ainda são atravessadas pelo pensamento colonialista traduz-se em nossa descrença diante dos projetos alternativos que se tecem à margem do projeto hegemônico (...)

Sugestões de Leituras

URY, William. *Chegando à Paz. Resolvendo conflitos em casa, no trabalho e no dia-a-dia*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

Este livro, para além do que sugere o próprio título, baseia-se em pesquisas históricas, científicas e arqueológicas para postular que o fenômeno da violência é histórico, social e culturalmente produzido, sobretudo a partir da revolução agrícola e da passagem do nomadismo ao sedentarismo e a emergência da propriedade privada, refutando a premissa de que o ser humano seja violento por natureza. O mais interessante no livro é que ele evidencia elementos de outras culturas, como a mediação do terceiro, nas culturas africanas, possibilitando-nos compreender que os padrões relacionais são, sobretudo, culturais e, exatamente porque históricos, também mutáveis e inventivos.

Neste contexto, Boaventura de Sousa Santos nos chama a atenção para o fato de que a maior evidência de que nossas lógicas ainda são atravessadas pelo pensamento colonialista traduz-se em nossa descrença diante dos projetos alternativos que se tecem à margem do projeto hegemônico, este que se faz passar como único e como melhor projeto de sociedade.

É nesse horizonte que se tece às margens de todo o projeto hegemônico que podemos pensar em uma Cultura da Paz, como um processo cultural que se constrói levando em conta as alteridades, partindo do pressuposto que diferenças não são sinônimos de desigualdades e de conflitos. Mas não significa nem uma utopia religiosa, de franciscanos e budistas, nem um discurso idealista, nem muito menos se refere a um paraíso sem conflitos. A cultura dos Bosquímanos, povo mais antigo da África austral, por exemplo, era marcada por conflitos, mas conseguiu ensaiar uma Cultura da Paz, no sentido de saber elaborar padrões relacionais que não transformavam diferenças em conflitos e agressões. Normalmente são culturas com mais rigor ético que moral, de respeito à coletividade – o contrário de nossa lógica.

Certo é que não podemos nos iludir, achando que a violência é um fenômeno de indivíduos e não um fenômeno que nasce e se estrutura a partir de um modelo de sociedade. Mais séria ainda é a criminalização da miséria através dos dispositivos de periculosidade que são impostos aos excluídos das políticas neoliberais. Mas também é hora de tirarmos os “antolhos” ideológicos de uma militância social e política que se crê “enfrentando” a violência com os modelos de políticas públicas que estão postos. Em 20 anos de inserção em movimentos sociais conheço processos mitigatórios em relação às práticas de violência, mas não de “enfrentamento”. Nossa geração nem mais é herdeira destes ideários de enfrentamento e militância.

O que um processo de “Cultura da Paz” quer desvelar, bem despreziosamente, é que não somos apenas vítimas da violência. Somos todos agressores de alguém em algum nível, e somos todos agredidos de alguém. Somos produzidos socialmente em uma cultura da violência, mas, como dizia Paulo Freire, também somos os reprodutores desta lógica: hospedamos dentro de nós o modelo dos opressores e grande parte das vezes interpretamos o mundo e atuamos em nosso cotidiano (micropolíticas) a partir destas lógicas. Podemos não manifestar uma violência física e verbal, mas há muito de violência mental em nossos silêncios, e muito de violência emocional por trás de nossas intelectualidades. Uma Cultura da Paz nasce da consciência de que não há nada fora de nós que não faça parte de nós, ou seja, a consciência de que somos feitos do mesmo tecido social que combatemos, e que somos todos co-responsáveis (nunca culpados!) por tudo o que acontece conosco e fora de nós. Uma Cultura de Paz é um propósito pessoal e coletivo de se buscar novas maneiras de compreender as “sombras” que nos habitam e que, quando não trabalhadas, são projetadas para fora e para os outros em forma de padrões de conflito disponíveis culturalmente. Jung já nos alertava sobre isso.

Como educadores formais, sociais e ambientais não nos encontramos fora e imunes aos percursos da violência, que nos atravessam a nós, a nossas equipes e instituições. O filósofo Félix Guattari, cujo pensamento nos ajuda a compreender como se formam os processos de subjetivação do capital, tinha clareza deste processo. E expressa bem tal clareza em seu livro, juntamente com Suely Rolnik, intitulado “Cartografias do Desejo”: “(...) o inimigo não está só nos imperialismos dominantes. Ele está também em nossos próprios aliados, em nós mesmos, nessa insistente reencarnação dos modelos dominantes, que encontramos não só nos partidos mais queridos ou nos líderes que nos defendem da melhor maneira possível, mas também em nossas próprias atitudes, nas mais diversas ocasiões” (1986, p. 48). Mais à frente, acrescentará: “Enquanto os movimentos que pretendem desembocar numa transformação social combaterem, com práticas e referências arcaicas que veiculam uma visão maniqueísta, a onipotência da produção de subjetividade capitalística, eles estarão deixando o campo totalmente livre para essa produção” (1986, p. 49).

Construir uma Cultura da Paz faz parte de um desafio diário, de superação de todo o maniqueísmo que separa o bem do mal, e rejeita este último, projetando-o fora, sobre os outros, sob mil pretextos, justificativas e prescrição de valores.

Historicamente, na periferia deste modelo hegemônico de base colonial e cristão, houve muitos outros ensaios relacionais, por outras matrizes culturais, menos narcisistas, menos racionalistas e científicas. Encontramos sociedades éticas, onde o outro, a coletividade e a natureza se revestem de princípios de reverência, inquestionáveis e sagrados. Como diz escritora Ana Godoy, não basta procurarmos alternativas à sociedade atual, mantendo-a como referência de base. Empreender uma viagem implica mais do que apenas deixar o território. Supõe a coragem de perdê-lo de vista, perdê-lo como referência. É preciso deixar o continente rumo aos arquipélagos intocáveis, donde não se avista território algum; ter abertura interior para pensar terras virgens de conceitos, de ideologias, de preconceitos, de modos estabelecidos, de certezas intelectuais e de ceticismos diante de possíveis saídas, que em nada fazem vislumbrar a transformação do que está posto nas muitas possibilidades de ser. Reduzir o mundo e as relações ao que existe é servir à lógica hegemônica.

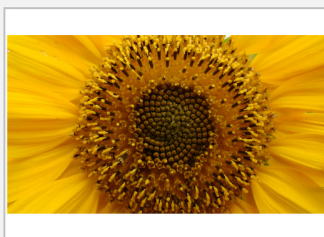


Sugestões de Atividades: Resolução criativa de conflitos

O educador motiva a turma, convocando-a para uma atividade coletiva de resolução criativa de conflitos. O educador procura fazer uma distinção inicial entre duas maneiras frequentes de se resolver conflitos, aprendidas culturalmente: o confronto, que pode levar à agressão; e a resignação, forma passiva de se colocar diante de um conflito, que pode equivaler a uma auto agressão. No entanto há um caminho do meio, onde as alternativas despontam em forma de diálogos, de acordos, de mediações. Depois desta introdução, divide-se a turma em subgrupos. A tarefa de cada subgrupo é levantar algumas histórias/estórias envolvendo conflitos. O subgrupo irá eleger, em comum acordo, uma destas histórias/estórias, sobre a qual irá coletivamente refletir. A tarefa do subgrupo é pensar/inventar/imaginar/propor várias e outras saídas e possibilidades plausíveis para o caso relatado e eleito, levando em conta as possibilidades alternativas e não o confronto e a resignação dos envolvidos. Mas o grupo deve ser autocrítico em relação ao que vê como alternativas. Ao final, numa plenária, cada subgrupo apresenta seus relatos, com suas alternativas, cujo diálogo deve ser aberto para toda a turma.

Maristela Barenco Corrêa de Mello

(24) 2237-5801
stelabarenco@oi.com.br



Maristela Barenco Corrêa de Mello

Graduada em Teologia (ITF Petrópolis), Psicologia (Universidade Católica de Petrópolis), Mestre em Educação (UERJ) e Doutora em Meio Ambiente (UERJ). Formada em Terapias Holísticas (ASBAMTHO). Educadora social há 25 anos.

Fotografias:

- 1) Beija-flor, Praia do Cemitério, Rio das Ostras, RJ
- 2) Forte de Santa Cruz, Niterói, RJ
- 3) Trabalho com professores da Rede de Itaboraí, RJ
- 4) Girassol, da Propriedade Agrovida, Bonfim, Petrópolis.

Experiências que valem a pena compartilhar

Logo na primeira semana do Informativo, recebemos esta mensagem da querida Celina Cardoso (Praia da Costa, Vila Velha, ES), relatando iniciativas coletivas e comunitárias de Educação Ambiental que fazem toda a diferença na perspectiva da mudança de lógicas, de práticas. Gostaria de partilhar com todos e parabenizar, desde já, Celina e o Grupo. Quem quiser saber mais detalhes, entre em contato com Celina (celinajmc@hotmail.com):

“Imprimi o Boletim, levei para a reunião e lemos em grupo. Apreciei a linguagem espiritual do mesmo. Falou ao meu coração. O grupo chama-se FRATERNIDADE E A VIDA NO PLANETA título da CAMPANHA DA FRATERNIDADE de 2011. É formado por pessoas de 3 Comunidades Católicas do meu bairro e mais a AMPC, Associação de Moradores, da qual faço parte. Estamos fazendo acontecer aquele 8 Jeitos de Mudar o Mundo (o número 7... qualidade de vida e respeito ao meio ambiente)... e temos ações pra desenvolver:

- A coleta seletiva já teve início em algumas ruas do bairro.
- Conseguimos as garrafas com o SINDIPÃES, que são entregues em padarias e escolas do bairro, para a coleta do óleo usado, que se transforma em sabão e biodiesel. Visitamos restaurantes do bairro para saber sobre o destino do óleo utilizado por eles.
- Temos a ASCAVIVE, a Associação de Catadores.
- Temos o Projeto da Carona Solidária
- Participamos das festas juninas com faixas, lixos separados, promovendo festas limpas!! Foi um trabalho exaustivo, mas deu certo. Fizemos um adesivo “EU CUIDO DO MEU LIXO” e distribuimos nas festas. Fizemos latas pretas para os lixos úmidos e latas azuis para os lixos secos.
- Tivemos barraca do artesanato feito com pet, com caixas de sapato, potes de sorvete, latas de molhos, etc.
- Aqui perto de casa, todo sábado tem feira orgânica, ou seja, agricultores trazem seus produtos fresquinhos. Vamos fazer um ECO POSTO, um local de coleta de tudo que podemos reciclar.
- Faremos um bazar em outubro próximo.
- Nas igrejas levamos banners explicando sobre o grupo e de suas ações e os padres nos convidam para que possamos explicar. Nas missas infantis sempre vamos conversar com a criançada. Há reuniões também sobre os Objetivos do Milênio, nas quais sempre participamos.
- Ministramos um Curso na Associação de Moradores, todas as terças, com professora voluntária. Coordeno tudo. A qualquer hora vamos chamá-la para palestrar aqui”.

Informativos em Espanhol!

Os companheiros Pablo, Cecília e Valeria, da Organização Grupo Projeto Pereyra, Argentina, que trabalham de forma lúdica e fantástica a Educação Ambiental, gostaram dos Informativos e decidiram traduzi-los ao espanhol. Assim nos contou Valeria Negro: *“Cecilia me estuvo reenviando tus informativos, son una belleza! Te felicito ademas por seguir el impulso de compatir tanta experiencia acumulada y toda tu sensibilidad. (...) me parece muy bueno hacer llegar tus informativos a el resto de latinoamerica que habla español!”*

